

Viva
Volpi


FÓRUM
— SANTANDER —
SÃO PAULO

Ministério da Cultura, Esfera e Santander
apresentam



Exposição interativa
De 11 de abril a 27 de julho de 2025

Curadoras: Ceci Amorim e Karina Israel

Patrocínio



Esfera_



Apoio Institucional

Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



- ARTE PARA BRINCAR

O Farol Santander tem o prazer de apresentar a exposição *Viva Volpi – arte para brincar*, uma homenagem ao legado singular do pintor ítalo-brasileiro Alfredo Volpi, cuja obra marcou profundamente a arte nacional.

A exposição revela o processo criativo desse mestre autodidata, que, mesmo dialogando com os principais anseios do modernismo e do construtivismo, nunca se prendeu a rótulos. Sua linguagem era essencial: linha, forma e cor.

Reservado e avesso a classificações, Volpi manteve-se fiel à sua rotina no ateliê montado em sua casa no Cambuci, em São Paulo, onde trabalhou incansavelmente até os 92 anos. Seu traço inconfundível e sua estética singular se eternizaram na história da arte brasileira.

O circuito expositivo convida o público a navegar no universo de formas e cores vibrantes do artista, proporcionando uma

experiência interativa e sensorial, que permite vivenciar sua arte de maneira inédita e envolvente.

Esta mostra reafirma o compromisso do Farol Santander com a promoção da cultura e do aprendizado, oferecendo ao público uma nova maneira de descobrir e se conectar com a obra de Volpi.

Convidamos você a explorar este universo pulsante, onde cada etapa revela a genialidade do artista e a interatividade abre novas perspectivas sobre sua importância.

Descubra, aprenda e faça parte das pinturas que encantam gerações!

Ótima visita!

Maitê Leite
Vice-Presidente Institucional



English



SUMÁRIO

Viva Volpi - arte para brincar	3
Texto curadoratorial - arte é liberdade!	5
Você sabe quem foi Volpi?	6
Um artista em construção	9
Simplicidade na vida e na arte	12
Linha do tempo	15
Marinheiro de formas e cores	19
Do Cambuci para o mundo	21
Formas em Festa	26
Explosão de cores: uvas e ogivas	28
O ateliê do Cambuci	30
A grande celebração: Volpi pinta volpi	34
English version	37
Ficha técnica	46

ARTE É LIBERDADE!

Alfredo Volpi (1896-1988) viveu em uma época de grandes transformações. De origem humilde, aprendeu desde cedo a olhar o mundo com curiosidade. Antes da pintura, exerceu outras profissões, mas sua verdadeira paixão sempre foi a arte.

Naquele tempo, não havia internet, televisão e o rádio era ainda uma novidade. Os críticos tentaram classificar e encaixar Volpi em estilos e grupos, mas ele nunca se rendeu a rótulos. Volpi pintava o que sentia e, quando perguntavam sobre seu estilo, respondia com um sorriso: “Isso é problema dos críticos”. Ele escolheu ser livre. Criar arte do seu jeito era sua forma de existir.

Cada artista responde às perguntas do seu tempo de um jeito único. Enquanto outros estudavam a luz, Volpi dizia que a pintura era feita de linha, forma e cor. Não chegou a cursar a faculdade de arte, o que não o impediu de se tornar um grande mestre. Autodidata, aprendeu pintando, errando, experimentando e descobrindo novas formas de criar. Seu lema era simples: “Se funcionou, eu assino. Se não, destruo”.

E assim, pouco a pouco, encontrou seu próprio estilo. Volpi pintou volpi.

Hoje, quando alguém vê um de seus quadros e logo reconhece “isso é um volpi”, significa que sua arte se tornou única. Mais do que um nome, ele criou um universo de cores e formas que expressam a alegria do Brasil, conquistando críticos, colecionadores e museus ao redor do mundo.

Agora, convidamos você a entrar nesta jornada! Conheça as obras originais, descubra histórias e viva esta imersão livremente inspirada em Alfredo Volpi, especialmente criada para sentir, fazer e experienciar.

Que tal mergulhar nesse mar de cores e deixar fluir os sentidos? E enxergar o mundo com a curiosidade de uma criança e descobrir o inesperado? Que essa viagem fique marcada para sempre em sua memória.

Ceci Amorim & Karina Israel
Curadoras

English

VOCÊ SABE QUEM FOI VOLPI?

English

Volpi foi um artista que trilhou seu próprio caminho. Começou a pintar por conta própria, sem mestre nem escola. Aprendia observando, testando, repetindo. Seu ofício como pintor decorador o aproximou dos materiais, das superfícies, do ritmo do trabalho manual. Com o tempo, foi transferindo esse conhecimento técnico para uma produção artística autoral, marcada pela precisão e pela busca por equilíbrio.

No início, suas obras retratavam paisagens, cenas urbanas e composições figurativas. Mas pouco a pouco ele se afastou da imagem direta, preferindo investigar a relação entre formas, cores

e estrutura do espaço. Cada quadro era tratado como um campo de tensões visuais, onde elementos mínimos – uma janela, um mastro, uma bandeirinha – ganhavam protagonismo.

Volpi não seguiu modismos nem grupos. Nunca buscou ser moderno, popular ou acadêmico. Sua pintura se desenvolveu em silêncio, dentro de um universo próprio. Ele não pintava temas. Pintava pintura. Transformava o que via em composições cuidadosamente construídas, onde nada era por acaso. Sua obra é o resultado de uma prática cotidiana, feita com rigor, curiosidade e uma dedicação constante ao fazer.



UM OLHAR SUBURBANO SOBRE O MUNDO

Volpi morou no Cambuci, bairro do Centro Histórico de São Paulo. Assim como diversas famílias de imigrantes que também se concentraram na região, que no início do século XX era considerada subúrbio, habitada por pessoas com baixo poder aquisitivo.

Ali encontrou sua matéria-prima: ruas, fachadas, festas e cores do cotidiano. Mesmo distante dos centros culturais, construiu uma linguagem artística reconhecida nacional e internacionalmente. O bairro, aparentemente simples, tornou-se sua principal fonte de pesquisa visual.

Foi a partir do subúrbio que Volpi acompanhou a urbanização e a industrialização de São Paulo sob um ponto de vista bem diferente do padrão que se conhecia da arte.

Fica muito evidente na obra de Alfredo Volpi a referência aos lugares onde esteve. Suas experiências ficaram dispostas em sua obra, que associa elementos como trabalho, convivência, materiais e ambiente cultural.





DO ÓLEO À TÊMPERA AS MUDANÇAS DE VOLPI

No início, Volpi usava tinta a óleo, comum entre os pintores da época. Era dessa forma que solucionava os problemas da pintura daquela época, com muitas camadas de tinta e milhares de pinceladas. Era a “pintura de mancha”, ou “impressionismo instintivo”, como alguns críticos chamavam.

Com o tempo, passou a usar têmpera, técnica antiga e pouco utilizada naquele momento. Ele abriu mão do óleo, que facilitava o ilusionismo, e adotou uma tinta opaca que evidenciava a presença do pigmento na tela. A têmpera exigia mais planejamento e

permitia efeitos diferentes de cor e textura. Essa mudança acompanhou o amadurecimento de sua linguagem visual.

A mudança da técnica acompanhou também a passagem da pintura a céu aberto para a de ateliê, centrada, portanto, num esforço de imaginação, ou, como dizem os especialistas, a pintura de memória. Ele mesmo dizia: “Comecei pintando do natural. Interessava naquela época a pintura ‘tonal’. Depois, comecei a pintar de memória. Tratava de resolver o problema da pintura. O assunto foi perdendo interesse. Aí ficou só o problema de linha, forma e cor”.



UM ARTISTA EM CONSTRUÇÃO

Volpi alternava pintura decorativa e arte autoral. Seus primeiros quadros eram cenas tradicionais feitas em tinta a óleo. Com o tempo, foi simplificando as formas e reduzindo os elementos visuais.

Com a adoção da têmpera, passou a planejar cuidadosamente cada quadro. A técnica exige precisão e secagem rápida, o que o levou a pensar cada cor e cada pincelada com rigor.

Ele criava composições com fachadas organizadas por janelas e portas alinhadas geometricamente. Mais do que retratar casas reais, criava arquiteturas imaginárias, organizadas com ritmo e equilíbrio.

Observava a arquitetura colonial brasileira, especialmente igrejas do interior, com fachadas simétricas e cores marcantes. Esse repertório, junto da experiência como pintor decorador, fundamentou sua linguagem visual.

English





MODERNISMO E CONSTRUTIVISMO: UM ESTILO E OUTRO PUXA

Volpi se permitiu estar distante das discussões sobre o modernismo brasileiro. Como costumava dizer, “isso é problema dos críticos”. Ele não fazia parte de qualquer movimento artístico, mas dançava conforme a música. Como disse, “me encaixaram, como me encaixam também em outros grupos...”.

A industrialização de São Paulo trouxe a modernização, que era percebida de maneira ainda mais acentuada nos subúrbios. Em 50 anos, São Paulo saiu de um vilarejo de terra batida para uma metrópole.

Foi justamente nesse período que Volpi começou a usar a têmpera, induzindo a pintura de formas mais geométricas.

A abstração geométrica, que a partir da fase das “casas” e “fachadas” foi ganhando cada vez mais volume, teria procurado evidenciar a “verdade” dos materiais que estavam ao alcance da mão. O seu modo de pincelar e de colorir as telas faria referência à sua época de pintura de paredes e também às casas caiadas do interior paulista.

Do modernismo, compartilha o interesse pelo cotidiano e pela identidade brasileira. Do construtivismo, a busca por formas organizadas. Mas seu método era próprio, resultado de observação e prática constantes.



SIMPLICIDADE NA VIDA E NA ARTE

Volpi levava uma vida simples, com hábitos regulares e poucas mudanças. Morava e trabalhava no mesmo lugar, no bairro do Cambuci. Não tinha assistentes, nem frequentava ambientes sofisticados. Seu cotidiano era dedicado à pintura, ao preparo de tintas e à observação dos pequenos detalhes do mundo ao seu redor.

Essa rotina direta se refletia na maneira como organizava suas composições. Em vez de temas grandiosos, escolhia elementos comuns: fachadas, janelas, bandeirinhas. Sua pintura era uma extensão de sua casa, de seu bairro, de sua forma de viver.

A simplicidade não era ausência de elaboração, mas uma escolha estética e ética. Tudo era pensado com cuidado: o tipo de pincel, a intensidade da cor, o tamanho do quadro.

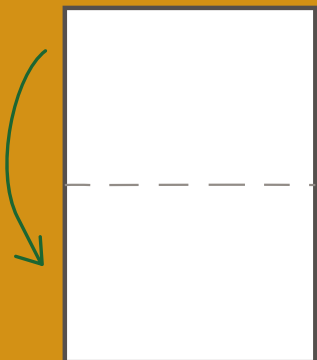
Para ele, a clareza era um valor importante tanto na arte quanto no cotidiano. Evitava excessos. Pintava com rigor, comedido, buscando equilíbrio e honestidade visual.

English



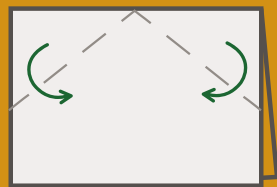
VAMOS FAZER UM BARQUINHO DE PAPEL?

1.



Para começar, dobre a folha ao meio.

2.



Ótimo! Com a parte aberta para baixo, junte as 2 pontas de cima encontrando o meio do papel.



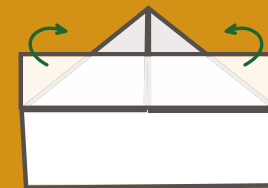
Fica assim!

3.



Agora, dobre a parte aberta para cima.

4.



E dobre as pontinhas para trás.



vire a folha

Fica assim!



Faça o mesmo do outro lado.

5.



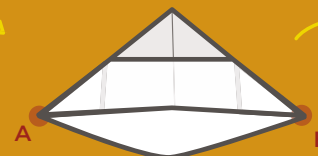
Olha, agora você criou um chapéu!

A

Abra seu chapéu na parte de baixo.

B

6.



E junte as pontas A e B para formar um balão.

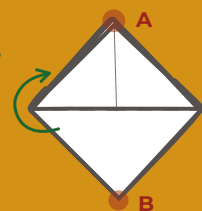
A

B



Fica assim, com as pontas viradas para você.

7.



Agora, dobre a ponta A para cima.



vire a folha

A+B

E faça o mesmo com a ponta B. Maravilha, formamos um novo chapéuzinho!

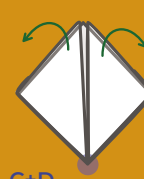
8.



Abra seu chapéuzinho na parte de baixo e junte as pontas C e D.

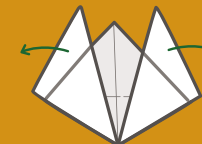
Igualzinho você fez no passo 5!

9.

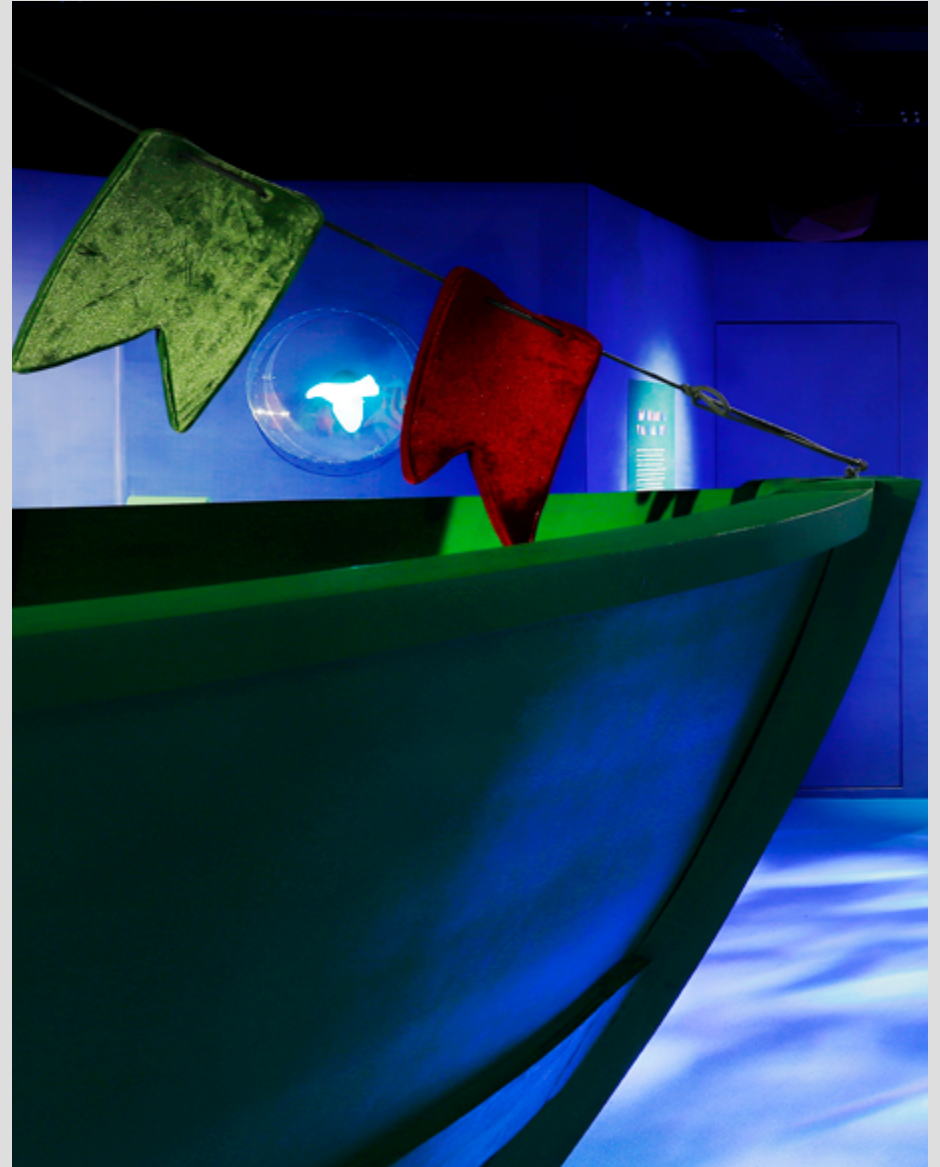


C+D

Agora é só puxar as duas pontas de cima para os lados e formar o seu barquinho.



Parabéns! Está pronto o seu barquinho.



A CARREIRA DE VOLPI AO LONGO DO TEMPO

DÉCADA DE 1910

No começo de sua jornada artística, Volpi ainda estava aprendendo e testando novas formas de pintar. Depois de trabalhar como pintor-decorador, ele fez sua primeira pintura em tela em 1914, usando um cavalete.

DÉCADA DE 1920

Em 1922, aconteceu a famosa Semana de Arte Moderna, um evento que revolucionou a arte brasileira. Volpi não participou, mas suas ideias o influenciaram muito. Nessa época, ele gostava de pintar cenas do dia a dia, usando pinceladas parecidas com as do Impressionismo. Em 1925, ele expôs seus quadros pela primeira vez em uma exposição coletiva.

DÉCADA DE 1930

Volpi passou a frequentar os ateliês do Edifício Santa Helena, um local onde vários artistas se reuniam. Ele saía para pintar com amigos, mas sempre dizia que não fazia parte do grupo chamado Família Artística Paulista. Foi também nesse período que seus quadros começaram a chamar a atenção dos críticos. Além disso, Volpi passou a usar a técnica da têmpera e começou a pintar não apenas o que via, mas também de memória, dentro do seu ateliê.

DÉCADA DE 1940

Nessa fase, Volpi quase não pintava mais ao ar livre. Seu ateliê se tornou seu principal espaço de trabalho. Suas pinturas começaram a ficar mais geométricas, com formas e cores bem definidas.

DÉCADA DE 1950

O artista voltou à Itália e, em 1950, participou pela primeira vez da Bienal de Veneza, uma das exposições mais importantes do mundo. Em 1953, aconteceu um momento marcante: ele dividiu o prêmio da 2ª Bienal de São Paulo com Emiliano Di Cavalcanti. Esse reconhecimento fez com que Volpi se tornasse ainda mais conhecido. Em 1957, foi chamado de “o mestre da sua época”.

DÉCADA DE 1960

Agora, Volpi já tinha um estilo próprio e não precisava mais buscar referências de outros artistas. Ele começou a explorar novas combinações de cores e criou suas famosas ogivas, que são arcos pontudos que se cruzam nas pinturas. Suas obras ficaram ainda mais coloridas e geométricas!

DÉCADA DE 1970

Nessa década, Volpi queria que suas pinturas dessem a sensação de que as formas estavam na mesma altura dos olhos de quem olhava. Foi assim que ele criou o cacho de uvas, um conjunto de bandeirinhas organizadas em fileiras, que iam diminuindo conforme desciam na tela.

DÉCADA DE 1980

Mesmo já de idade avançada e debilitado, Volpi nunca parou de pintar. Seus quadros continuaram a ser expostos em várias partes do Brasil e do mundo. Sua arte se tornou um marco na história da arte brasileira, e seu nome foi eternizado como um dos grandes mestres da pintura.

MOMENTO DE CONTEMPLAÇÃO

Volpi fazia muitos estudos antes de pintar. Guardava cadernos com desenhos e anotações. Observava as formas, organizava cores, testava repetições. Isso mostra que seu trabalho era baseado na observação e no aperfeiçoamento contínuo.





A TRANQUILIDADE DAS PINCELADAS

Volpi pintou uma grande quantidade de telas e, com isso, inventou uma brasilidade espontânea e tranquila. Seus quadros não apresentavam um Brasil, mas demonstravam a mentalidade de um brasileiro.

Com o tempo, seus quadros com as pinceladas “impressionistas”

agitadas, acalmam-se. Com a têmpera, a cor respira com mais facilidade nos contrastes. As paisagens ganham um ar nostálgico.

O gesto de Volpi era firme e controlado. Cada pincelada tinha uma função na construção do quadro. O resultado final transmite equilíbrio. Não havia excesso. A composição buscava estabilidade e clareza.

OBSERVAÇÃO – AS PAISAGENS

O processo criativo de Volpi passava pela paisagem. Para ele, existem dois tipos diferentes de aprendizado: pintar diante da paisagem e a imagem feita no ateliê, de memória. Indiferentemente à técnica, a paisagem realiza uma sensibilidade

e revela algum lugar. Essa sensibilidade se refletiu quando, por exemplo, Volpi precisou fazer constantes viagens para Itanhaém, cidade do litoral paulista, para ajudar no tratamento de sua esposa e, de lá, nos brindou com suas paisagens marinhas.



Alfredo Volpi
Sem título, sem data
Serigrafia sobre papel, 176/200
78,5 x 99 cm
Coleção Santander Brasil



MARINHEIRO DE FORMAS E CORES

Volpi buscava inspiração em cenas simples: mastros, velas, fachadas e barcos. Esses elementos visuais aparecem em muitas de suas obras, mas nunca como paisagem ou descrição literal. Ele reorganizava essas formas como quem compõe uma música com blocos visuais, criando harmonia e ritmo.

Volpi dizia não pintar a partir da observação direta, mas sim de lembranças e referências visuais acumuladas ao longo da vida, inclusive de paisagens do litoral.

Essas obras não são cenas, mas construções abstratas baseadas em observações da realidade. Cada mastro, vela ou fachada é reduzido à sua essência gráfica. Volpi explorava a posição das formas e o contraste das cores, como se estivesse em busca do ponto exato de equilíbrio.



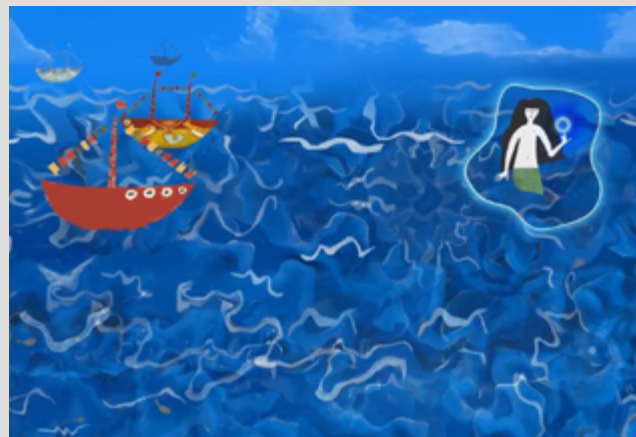


FORMAS E CORES

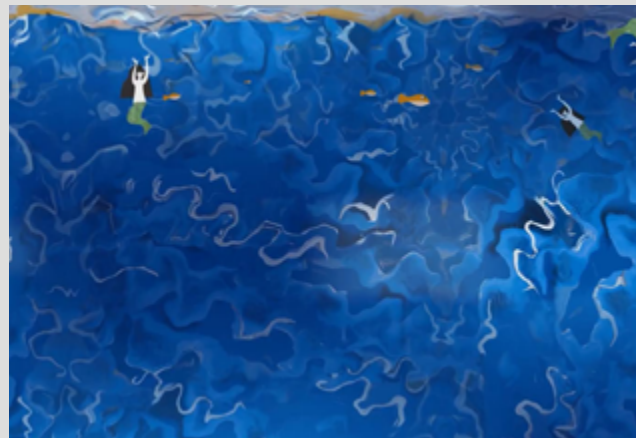
Alfredo Volpi navegou por diferentes mares de formas e cores. E um marinheiro nunca anda só. Os imigrantes italianos trouxeram os símbolos da sua terra, como os mastros e as bandeiras, unindo duas pontas de uma vida: a pátria de origem e o novo lar.



Para ele, a pintura precisava funcionar visualmente, com equilíbrio entre os elementos. Nada era incluído por acaso: cada escolha contribuía para o resultado final.



Na época da formação de Volpi, a cidade de São Paulo não tinha universidades de artes. O Liceu de Artes e Ofícios tornou-se um dos lugares mais importantes para a formação artística. Porém, antes disso, muitos artistas que não conseguiam colocação no Rio de Janeiro, vinham a São Paulo para ensinar suas técnicas. Os alunos escolhiam seus mestres de acordo com os interesses do momento, sem vínculos. Isso fez com que São Paulo se tornasse um campo fértil às experimentações.



DO CAMBUCI PARA O MUNDO

English

Embora tenha vivido no mesmo bairro durante toda a vida, a obra de Volpi ganhou visibilidade no meio artístico. Suas obras foram selecionadas para grandes exposições nacionais e internacionais, em bienais e museus de arte moderna.

Essas mostras contribuíram para consolidar sua trajetória como um dos artistas mais importantes da pintura brasileira. Volpi

manteve a mesma rotina modesta, mas sua arte ganhou alcance e prestígio.

Sua obra se destacou justamente por não seguir modismos. Era vista como uma proposta original, com rigor formal, identidade visual clara e um vínculo forte com a cultura popular e o ambiente urbano.



EXPOSIÇÃO E SOCIALIZAÇÃO

As exposições desempenhavam um papel fundamental para os artistas da pauliceia do início do século XX: era o momento que poderiam observar o que outros artistas estavam fazendo (no caso de uma exposição coletiva), vender suas obras e, principalmente, socializar-se — o famoso networking — ou “estar no métier”.

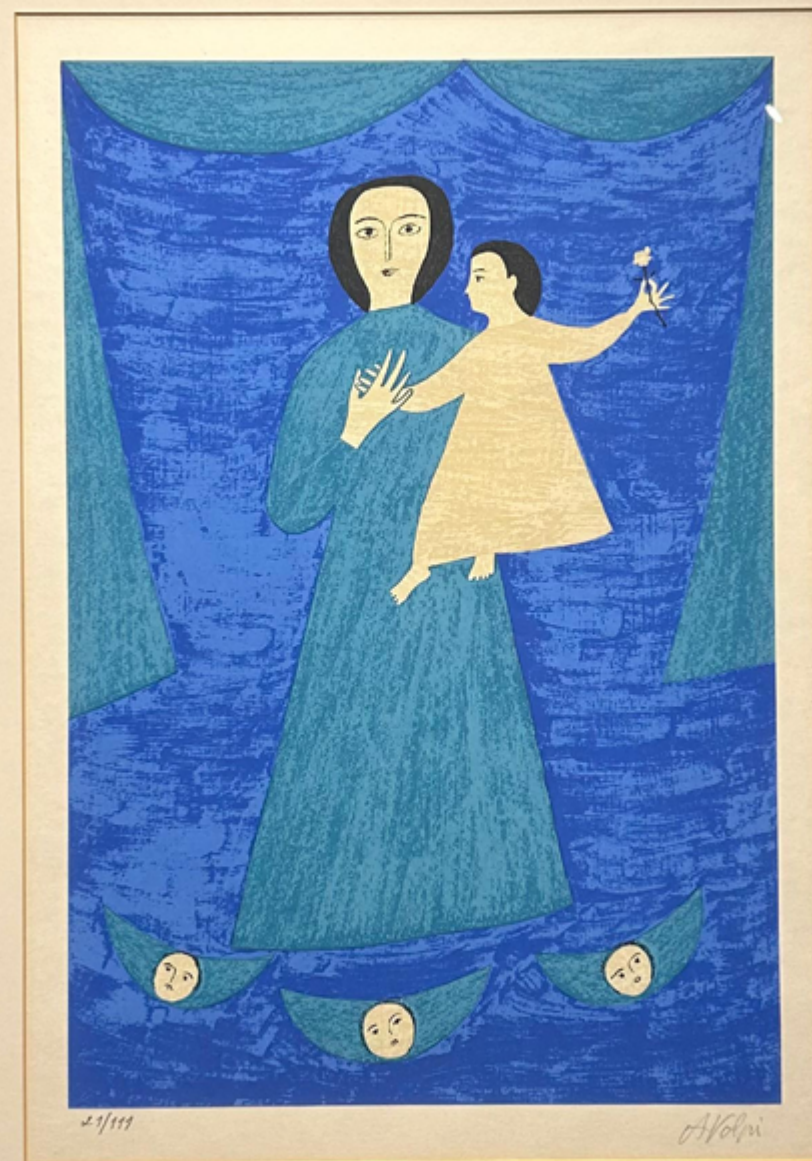
O Edifício Santa Helena, na Praça da Sé, ficou famoso por abrigar os membros da Família Artística Paulista, um grupo de artistas que se acolhiam e trocavam experiências, técnicas e outros conhecimentos sem, no entanto, condicioná-los a um determinado fazer artístico. Embora Volpi frequentasse o prédio e andasse com seus membros para pintar nos arredores — e até

mesmo expor —, o Mestre do Cambuci dizia que não participou efetivamente deste grupo: “lá às vezes visitá-los no ateliê, mas não participava do grupo”.

A manutenção desse tipo de relação era vital para esses artistas. Em 1944, Volpi lançou a sua primeira exposição individual, quando vendeu todas as obras expostas, comprovando a importância dessa rede de parceiros.

Volpi mantinha uma rotina reservada, mas recebia visitas em sua casa. Críticos, artistas e colecionadores iam até o Cambuci para ver seu trabalho. Apesar de não frequentar eventos sociais, participava de conversas e trocas com pessoas interessadas em arte.

Alfredo Volpi
Madona, sem data
Serigrafia sobre papel, 21/111
78,5 x 58,5 cm
Coleção Santander Brasil



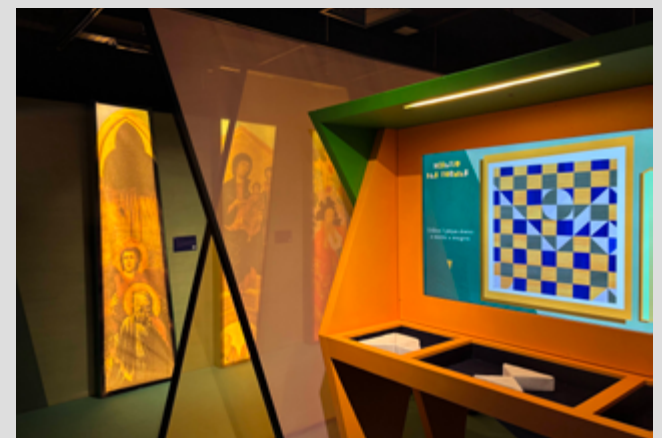


A BIENAL DE VENEZA, 1950

Volpi foi convidado para participar de uma das exposições de arte mais famosas do mundo: a Bienal de Veneza, na Itália. Para pagar a viagem, que durou seis meses, ele pintou 24 quadros sob encomenda para seus colecionadores.

A participação na Bienal de Veneza deu visibilidade internacional a Volpi. Sua obra chamou atenção por sua originalidade e rigor formal.

O sucesso de sua participação em 1950 foi tão grande, que ele voltou para a Bienal em 1952 e em outras edições, como as de 1954, 1962 e 1964. Mesmo saindo de um bairro simples como o Cambuci, sua arte podia chegar a todos os cantos do planeta.





A BIENAL DE SÃO PAULO, 1953

Há um fato inusitado na participação de Volpi nessa Bienal. A aproximação de Volpi aos concretos fez com que o júri fosse convencido de que o prêmio, que até então era de Di Cavalcanti, fosse dividido com Volpi.

A divisão desse prêmio é um marco para a história da arte brasileira e projetou Volpi para o centro das discussões sobre arte abstrata. Premiado na Bienal de São Paulo e aclamado pelos concretistas, o Mestre do Cambuci aumentou muito a sua influência no meio artístico. Seus quadros passaram a valer mais e os críticos passaram a ver aquele pintor calado e simples com outros olhos.



FORMAS EM FESTA

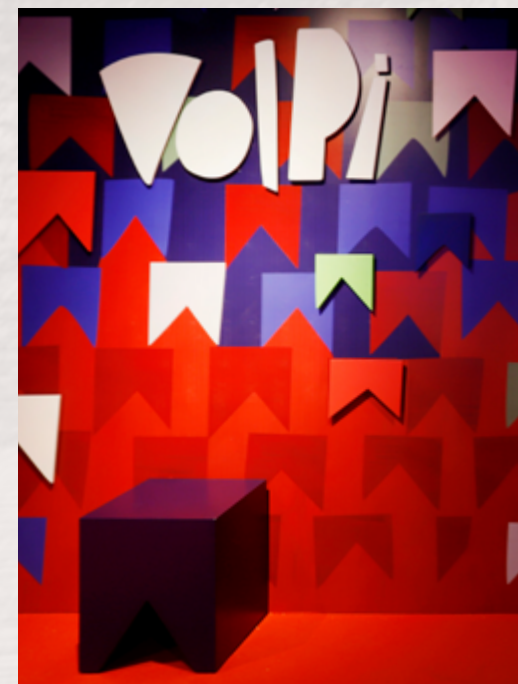
As bandeirinhas são um dos símbolos mais conhecidos de Volpi. Surgem em composições que exploram a repetição, a alternância de cores e a harmonia entre linhas e planos. Apesar de sua aparência leve e popular, são construídas com precisão e equilíbrio formal.

Volpi dizia que não pintava festas, mas sim a estrutura da pintura. As bandeirinhas são formas modulares que ele rearranjava com liberdade e disciplina. Essas formas surgem de lembranças de ruas decoradas, festas juninas, tecidos, sinalizações. O motivo é familiar, mas ganha força no modo como é tratado.

“Bom, essas formas geométricas não são... não é novidade — coisas muito antigas têm forma geométrica também...”

- Alfredo Volpi

English





BANDEIRINHAS, CASINHAS OU TRIÂNGULOS E RETÂNGULOS?

Os elementos visuais mais conhecidos de Volpi — bandeirinhas, mastros, fachadas — foram usados de forma repetida e organizada. Esses motivos não são retratos de festas ou casas, mas estruturas visuais pensadas para criar ritmo e equilíbrio.

A chamada bandeirinha, por exemplo, poderia, dependendo do ponto de vista, ser uma bandeira de festa junina, o espaço negativo de uma fachada com telhado de uma casa ou simplesmente um encaixe de duas formas geométricas “puras” — um triângulo sobreposto a um retângulo. O que você vê nessas formas?

CONCRETO E MODERNO

De 1940 a 1950, as pinturas de Volpi tornaram-se planas. As casas, por exemplo, foram reduzidas a fachadas, e cada elemento tinha a sua autonomia. Ganhava, assim, um sopro “brasileiro”, “popular” e “internacional” das novas tendências concretistas que vinham se impondo na década de 1950.

Volpi não se encaixava em classificações fáceis. Sua obra tem traços modernos e construtivos, mas sempre manteve autonomia. Usava formas simples, cores marcantes e uma composição planejada, sem abandonar suas referências populares.

Os modernistas eram contra a abstração. O principal argumento era de que a arte deveria narrar, valendo-se de uma mensagem direta para se comunicar com o público. Deveria ser, portanto, figurativa.

A obra de Volpi conseguiu juntar duas tendências artísticas que estavam em conflito. Se por um lado os concretistas defendiam uma arte “universalista”, que poderia ser identificada e compreendida em qualquer lugar do mundo, Volpi trazia em suas bandeirinhas e casarios a cultura do Brasil.



EXPLOÇÃO DE CORES: UVAS E OGIVAS

Volpi trabalhou com uma paleta composta por pigmentos preparados artesanalmente. Dominava a combinação de cores com atenção e método. Suas obras exploram contrastes, variações tonais e campos cromáticos organizados com cuidado.

Ogivas, faixas, bandeiras, mastros e fachadas funcionam como base para essa experimentação com a cor. A geometria nunca é fria: há uma relação direta entre forma e tonalidade. Em muitas obras, os elementos figurativos quase desaparecem. O foco passa a ser o uso das cores, a disposição das formas e o equilíbrio visual.



▲ COR CONCRETA

Ao ver a cor verde, o que vem à cabeça? Uma mata ou um fruto? Naturalmente nós associamos às cores os significados que aprendemos ao longo da vida.

Para os defensores do concretismo, o grande problema da cor é conseguir tirar dela o seu associativismo, ou seja, a carga simbólica que cada uma é culturalmente construída. Por isso que na maior parte dos artistas concretos, como Mondrian, são usadas o mínimo de cores possíveis. Volpi organizava suas cores de forma racional. Aplicava os pigmentos em áreas bem definidas, buscando equilíbrio entre os tons. A cor não era decorativa, mas estrutural. Era parte do desenho e da lógica construtiva da composição.



▲ COR PURA

Além do controle na aplicação, Volpi valorizava a intensidade da cor. Usava pigmentos preparados por ele mesmo, buscando tons vivos e estáveis. A cor era usada em sua forma mais direta, sem mistura com branco ou preto, o que garantia uma aparência luminosa e constante.

ELEONORE KOCH

A talentosa colorista Eleonore Koch ficou alguns anos trabalhando com Volpi, logo no início de sua carreira. Ela influenciou Volpi com sua abordagem sensível à cor e à composição.

Embora mais jovem, ela trouxe reflexões importantes sobre a relação entre espaço e forma. A troca entre os dois foi significativa, e Volpi passou a incorporar soluções cromáticas e estruturais que dialogavam com o pensamento de Eleonore.

O ATELIÊ DO CAMBUCI

Volpi trabalhava com regularidade em seu ateliê nos fundos de casa. Mantinha uma prática constante e organizada. Fazia esboços, testava cores e planejava cada composição. Preparava ele mesmo as tintas, organizava os quadros e controlava todos os aspectos de sua produção.

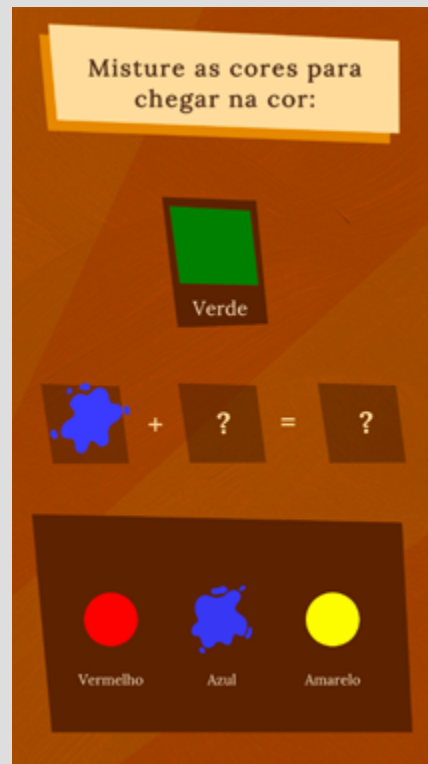
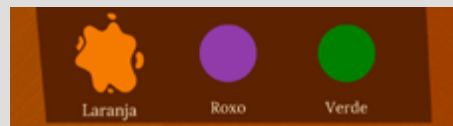
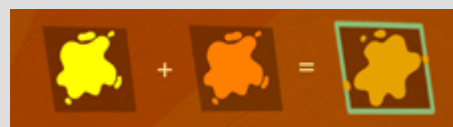
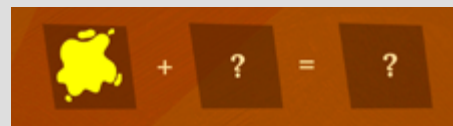
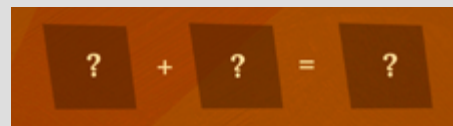
Era reservado, mas recebia visitantes com frequência. Colegas, críticos e jovens artistas iam ao Cambuci para ver suas telas e conversar sobre pintura. O ambiente era simples, doméstico, sem ostentação. Ali se construía uma obra de longa duração.



A CONSTRUÇÃO DE UM VOLPI

Alfredo dominava todo o processo de produção de sua obra. Serrava madeira e montava pincéis, chassis, cavaletes, cabos de martelo, arcos de serra e o que mais fosse necessário. Preparava a têmpera, sua tinta preferida e guardava na geladeira. Fazia os seus pigmentos. Cortava as telas e as prendia nos bastidores depois de ter aplicado carbonato de cálcio dissolvido em cola. Depois desenhava.

Volpi estruturava suas pinturas com base em esquemas simples. Muitas vezes começava com linhas horizontais e verticais para definir o espaço. A partir dessas divisões, distribuía os elementos visuais de forma ordenada. Esse planejamento garantiu à sua obra uma aparência coesa ao longo dos anos.



SOCIAL NO CAMBUCI

Volpi tinha o hábito de receber seus amigos, colecionadores e compradores no ateliê que montou em sua casa no Cambuci. A popularidade de seu trabalho era tamanha, que chegava a ter filas de espera de pessoas que aguardavam a sua vez para adquirir uma das obras do mestre.

Mesmo sendo reservado, Volpi era uma figura conhecida no bairro. Caminhava pelas ruas, cumprimentava vizinhos e mantinha relações cordiais com a comunidade. Sua presença discreta fazia parte da paisagem local, e muitos moradores o reconheciam como “o pintor do Cambuci”.

O PROCESSO CRIATIVO

Tudo começava pelo rabisco, feito com carvão ou lápis sobre o papel. Os desenhos costumavam ser variações de uma mesma ideia, passavam pela etapa do “rascunho” antes de irem para a tela. Porém, era comum Volpi desenhar algo no papel e pintar a tela com uma outra ideia.



CHASSIS E TELAS

Volpi cuidava de todas as etapas do processo de pintura. Preparava os chassis, esticava as telas e aplicava as camadas de tinta. Esse envolvimento manual com os materiais era parte essencial do seu trabalho. Nada era terceirizado.

Volpi preparava a base para a pintura com sete ou oito camadas de gesso, ou carbonato de cálcio, misturado com a cola e aplicava no tecido, geralmente o linho.

RECEITA DA TÊMPERA

A têmpera é uma técnica de produção muito antiga, medieval, que foi retomada por Volpi para a produção de sua arte. Embora existam diferentes “receitas”, Volpi criou a sua própria forma de produzi-la: preparava sua têmpera com pigmentos, água e cola de origem animal.

Essa mistura precisava ser feita com cuidado, respeitando a proporção certa de cada ingrediente. A técnica exigia disciplina e experiência, pois a tinta secava rápido e não permitia erros. Esse método ajudava a alcançar o acabamento fosco e as cores vibrantes de suas obras.



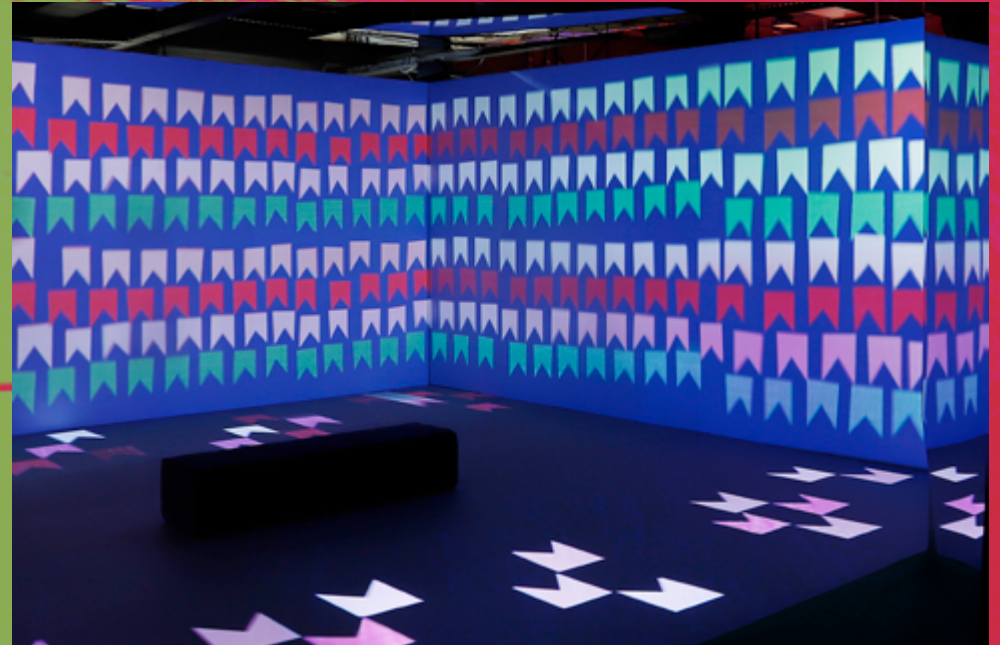
▲ GRANDE CELEBRAÇÃO: VOLPI PINTA VOLPIS

Volpi continuou pintando até o fim da vida. Mesmo com o reconhecimento, nunca mudou sua rotina. Vivia no mesmo bairro, cercado pelos mesmos objetos, e seguia trabalhando com a mesma dedicação de sempre.

Não gostava de ser rotulado. Recusava títulos como “popular” ou “moderno”. Dizia apenas que era pintor. Sua pintura não precisava explicar nada: ela se sustentava no olhar, no fazer constante e no prazer de organizar cor, forma e superfície.

Ao longo dos anos, sua obra passou a ser estudada, exposta e admirada em muitos lugares. Mas nada disso alterou sua maneira de pintar. Volpi manteve coerência entre vida e trabalho. Fez da simplicidade uma escolha estética, da repetição um método e da pintura uma prática contínua.







ENGLISH VERSION

Institutional text for the exhibition **Viva Volpi – arte para brincar**

Farol Santander is proud to present the exhibition *Viva Volpi – arte para Brincar* (art to play with), a tribute to the unique legacy of the Italian-Brazilian painter Alfredo Volpi, whose work left a lasting impact on Brazilian art.

The exhibition reveals the creative process of this self-taught master, who, despite engaging with the key ideals of modernism and constructivism, never confined himself to labels. His artistic language was pure: line, form, and color.

Reserved and averse to classifications, Volpi remained dedicated to his routine in the studio set up in his home in Cambuci, São Paulo, where he worked tirelessly until the age of 92. His unmistakable style and singular aesthetics have become timeless in the history of Brazilian art.

The exhibition invites visitors to immerse themselves in the artist's universe of vibrant shapes and colors, offering an interactive and sensory experience allowing for a unique and engaging encounter with his art.

This exhibition reaffirms Farol Santander's commitment to promoting culture and learning,

providing the public with a new way to discover and connect with Volpi's work.

We invite you to explore this dynamic world, where each stage reveals the artist's brilliance, and interactivity opens new perspectives on his significance.

Discover, learn, and become part of the paintings that have enchanted generations!

Enjoy your visit!

Maitê Leite
Institutional Vice President

Art is freedom!

Alfredo Volpi (1896-1988) lived in a time of great change.. From a humble background, he learned early on to view the world with curiosity. Before painting, he worked in other professions, but his true passion was always art.

Back then, there was no internet or television, and radio was still something new. Critics tried to classify and fit Volpi into styles and groups, but he never surrendered to labels. Volpi painted what he felt and, when asked about his style, he would answer with a smile: "This is the problem with the critics". He chose to be free. Creating art in his own way was his form of existence.

Each artist responds to the questions of their time in a unique way. While others studied light, Volpi would say painting was made of line, shape and color. He never went to art school, but that did not stop him from becoming a great master. Self-taught, learned by painting, making mistakes, experimenting and discovering new ways to create. His motto was simple: “If it worked, I’ll sign it. If not, I’ll destroy it”. And thus, little by little, he found his own style. Volpi painted volpi.

Today, when someone sees one of his paintings and soon recognizes “This is a volpi”, it means his art has become unique. More than just a name, he created a universe of colors and shapes that express Brazil’s joy, winning over critics, collectors and museums around the world.

Now, we invite you to join us on this journey! Get to know the original works, learn about stories and live this immersion freely inspired by Alfredo Volpi, especially created to feel, do and experience.

How about diving into this sea of colors and letting your senses flow? To see the world with the curiosity of a child and discover the unexpected? May this journey be forever etched in your memory. Get ready for an educational and fun experience. Good reading!

Ceci Amorim & Karina Israel
Curators

I

Do you know who Volpi was?

Volpi was an artist who forged his own path. He started painting on his own, with no teacher or school. He learned by observing, experimenting, and repeating. His work as a decorative painter gave him deep familiarity with materials, surfaces, and the rhythm of manual labor. Over time, he transferred that technical knowledge into an artistic practice marked by precision and a search for balance.

At first, his works depicted landscapes, urban scenes, and figurative compositions. But gradually, he moved away from direct representation and focused on the relationship between form, color, and spatial structure. Each painting became a field of visual tensions, where minimal elements—a window, a mast, a flag—gained protagonism.

Volpi didn’t follow trends or join movements. He never aimed to be modern, popular, or academic. His painting developed quietly, in its own universe. He didn’t paint themes—he painted painting. He transformed what he saw into carefully constructed compositions where nothing was accidental. His work was the result of daily practice, built with rigor, curiosity, and dedication.

A working-class perspective on the world

Volpi lived in Cambuci, a neighborhood in São Paulo’s Historic Center. Like many immigrant families who also were also concentrated in the region, which, at the beginning of the 20th century was considered a working-class neighborhood, was inhabited by people with few financial resources.

There, he found his raw material: streets, facades, festivals,

and everyday colors. Even though he was far from the cultural centers, he developed an artistic language that became nationally and internationally recognized. The neighborhood, seemingly ordinary, became his main source of visual research.

It was from these working-class neighborhoods that Volpi followed the urbanization and industrialization of São Paulo from a perspective very different from the standard known in art at the time.

It became very evident that Alfredo Volpi's work reflects the places he visited. His experiences are laid out in his art, which combines elements like work, social interaction, materials, and cultural environment.

From oil to tempera — Volpi's changes

Volpi began using oil paint. This was the method he used to solve the painting challenges of that time, with many layers of paint and thousands of brushstrokes. It was the "stain painting" or "instinctive impressionism," as some critics called it.

Over time, he shifted to tempera, an ancient technique that was rarely used at the time. Tempera required more planning and produced different color and texture effects. This shift accompanied the maturation of his visual language.

The change in technique also marked the transition from plein air painting to studio painting, centered, therefore, on an effort of imagination, or, as experts say, memory painting. He himself said: "I started painting from life. At that time, I was interested in 'tonal' painting. Then, I

began to paint from memory. I was focused on solving the problem of painting. The topic itself became less important. Then, it was just a question of line, form, and color."

II

An artist in the making

Volpi alternated between decorative painting and personal artwork. His early paintings were traditional scenes in oil paint. Over time, he simplified the forms and reduced visual elements.

After adopting tempera, he began planning each painting carefully. The technique requires precision and dries quickly, which forced him to think through every color and brushstroke.

He created compositions featuring facades arranged with geometrically aligned windows and doors. Rather than depict real houses, he imagined architectural forms structured with rhythm and balance.

He observed Brazilian colonial architecture, especially churches in small towns, with symmetrical facades and striking colors. This visual vocabulary, along with his experience as a decorative painter, formed the foundation of his artistic language.

Modernism and Constructivism:

one stretches and the other pulls

Volpi allowed himself to remain distant from the discussions about Brazilian modernism. As he used to say, "That's the critics' problem." He was not part of any artistic movement, but he danced to the beat of the music. As he put it, "They inserted me in, just as they also insert me into other groups..."

São Paulo's industrialization brought modernization, which was even more pronounced in the working-class areas. The city gained a new dynamic: it became busier, faster, with more lights. Machinery, structures, and factories began to shape the landscape. The movement of people also increased significantly. In 50 years, São Paulo went from a village with dirt roads to a metropolis. And Volpi lived through all of this.

It was precisely during this period that Volpi began using tempera, leading him to paint in more geometric forms. The geometric abstraction, which started with his "houses" and "façades" phase, increasingly gained volume, tried to highlight the "truth" of the materials at hand. His brushwork and the way he colored his canvases referred both to his wall painting period and to the whitewashed houses of São Paulo's countryside.

From Modernism, he shares an interest in daily life and Brazilian identity. From Constructivism, the pursuit of organized forms. But his method was his own, the result of constant observation and practice.

III Simplicity in life and in art

Alfredo Volpi lived for art. His way of painting was like his life: simple and full of routine. He spoke little. He didn't have a car and never learned to drive. His studio was inside his house. He painted in the morning, had lunch, napped, and then painted again until the sun went down. At night, he had garlic soup and played solitaire with an old deck of cards, even though he had received many new ones. He went to bed early and woke up early. Have you ever imagined having a day like that?

He loved the sea. From Santos, São Vicente, and Itanhaém, he would look at the houses and boats. From far away, the sails looked like little paper boats floating on the horizon.

Moment of contemplation

Volpi did many studies before painting. He kept notebooks filled with drawings and notes. He observed shapes, arranged colors, and tested repetitions. This shows that his work was based on observation and constant refinement.

The tranquility of brushstrokes

Volpi painted a large number of canvases and, with that, invented a spontaneous and serene "Brazilianness". His paintings did not depict a Brazil but rather demonstrated the mindset of a Brazilian.

Over time, his canvases with "impressionistic" brushstrokes became calmer. With tempera, color can breathe more easily in the contrasts. The landscapes take on a nostalgic air.

Volpi's brushwork was firm and controlled. Each stroke had a function in building the composition. The final result conveyed balance. There was no excess. The structure sought stability and clarity.

Observation – landscapes

Volpi's creative process involved landscape. For him, there are two different types of learning: painting in front of the landscape and the image created in the studio, from memory. Regardless of the technique, the landscape evokes sensitivity and reveals some specific place.

This sensitivity was reflected, for example, when Volpi had to make frequent trips to Itanhaém, a city on the coast

of São Paulo, to help with his wife's treatment, and from there, he gifted us with his sea landscapes.

IV

Sailor of shapes and colors

Alfredo Volpi sailed through the seas of art, letting the wind of creativity guide him. He was inspired by other artists, tested different styles, and gradually discovered his own way of painting. That's how he found his safe harbor!

Like a true sailor, Volpi kept memories of the places he visited. In Cambuci or Mogi, he depicted the houses and landscapes. When he was close to the sea, he painted the beaches, boats, masts, and sails that fascinated him so much.

In the rhythm of this tide, even when creating something on demand, Volpi always put his heart and special touch into his paintings. One example of this is *The Mermaid*, a painting he created for the Companhia de Navegação Costeira ("Coastal Navigation Company"). Have you seen how beautiful it is?

Shapes and colors

Alfredo Volpi sailed through different seas of shapes and colors. And a sailor never sails alone. The Italian immigrants brought the symbols of their land, such as the masts and flags, connecting two ends of a life: the homeland of origin and the new home.

Volpi evaluated his paintings based on the harmony between shapes and colors. For him, a painting had to work visually, with balance between its elements. Nothing was included by chance—every choice contributed to the final result.

During the years Volpi spent developing his art, the city of São Paulo did not have any art universities. The Liceu de Artes e Ofícios became one of the most important places for artistic education. However, before that, many artists who were unable to find opportunities in Rio de Janeiro came to São Paulo to teach their techniques. Students selected their masters based on the interests of the moment, without any long-term commitments. This made São Paulo a fertile ground for experimentation.

V

From Cambuci to the world

Although he lived in the same neighborhood his entire life, Volpi's work gained visibility in the art world. His paintings were selected for major national and international exhibitions, including biennials and modern art museums.

These exhibitions helped establish him as one of Brazil's most important painters. Volpi maintained a modest routine, but his art gained reach and prestige.

His work stood out because it didn't follow trends. It was seen as original, with formal rigor, a clear visual identity, and strong connections to popular culture and urban life.

Exhibition and socialization

Exhibitions played a key role for the artists of São Paulo in the early 20th century: it was the moment they could observe what other artists were doing (in the case of a group exhibition), sell their works, and, most importantly, socialize — the famous networking — or "being in the *métier*."

The Santa Helena Building, at the Praça da Sé Square, became famous for housing the members of the Família Artística Paulista, a group of artists who would gather and exchange experiences, techniques, and other knowledge, without, however, binding them to a specific artistic style.

Although Volpi attended the building regularly and accompanied its members to paint in the surrounding areas — and even exhibited there —, the Master of Cambuci said he never truly participated in the group: “I would sometimes visit them in the studio, but didn’t participate in the group.”

Maintaining these types of relationships was vital for these artists. In 1944, Volpi held his first solo exhibition, where he sold all the works on display, proving the importance of this network of collaborators.

Volpi lived a reserved life, but welcomed visitors to his home. Critics, artists, and collectors came to Cambuci to see his work. Although he did not attend social events, he engaged in conversations and exchanges with those interested in art.

The Venice Biennale, 1950

Volpi was invited to participate in one of the most famous art exhibitions in the world: the Venice Biennale, in Italy. To afford the trip, which lasted six months, he painted 24 commissioned works for his collectors.

Participation in the Venice Biennale gave Volpi international visibility. His work attracted attention for its originality and formal rigor.

The success of his participation in 1950 was so great that he returned to the Biennale in 1952 and participated in other editions, such as those in 1954, 1962, and 1964. Even

coming from a simple neighborhood like Cambuci, his art was able to reach every corner of the planet.

The São Paulo Biennale, 1953

There is an unusual fact regarding Volpi’s participation in this Biennale. Volpi’s closeness to the concretists led the jury to be convinced that the prize, which had previously gone to Di Cavalcanti, should be shared with Volpi.

The division of this prize is a landmark in the history of Brazilian art and propelled Volpi to the center of discussions about abstract art. Awarded at the São Paulo Biennale and acclaimed by the concretists, the Master of Cambuci significantly increased his influence in the artistic community. His paintings became more valuable, and critics began to see that quiet and simple painter in a different way.

VI

Shapes in Celebration

The bunting flags are one of Volpi’s most recognizable symbols. They appear in compositions that explore repetition, alternating colors, and harmony between lines and planes. Though seemingly festive and popular, they are built with precision and formal balance.

Volpi said he didn’t paint celebrations, but the structure of painting. The flags are modular forms that he rearranged with freedom and discipline. These forms come from memories of decorated streets, festivals, fabrics, signs. The motif is familiar but gains strength from how it’s treated.

“Well, these geometric shapes are not... not new — very old things also have geometric shapes...”

Alfredo Volpi

Concrete and modern

“Well, these geometric shapes are not... not new — very old things also have geometric shapes...”

Alfredo Volpi

From 1940 to 1950, Volpi's paintings became flat. Houses, for example, were reduced to façades, and each element had its own autonomy. This gave them a “Brazilian,” “popular,” and “international” breath, influenced by the new concretist trends that were emerging in the 1950s.

The modernists were against abstraction. Their main argument was that art should tell a story, using a direct message to communicate with the audience. It should, therefore, be figurative.

Volpi's work managed to bring together two artistic trends that were in conflict. While, on the one hand concretists advocated for a “universalist” art, one that could be identified and understood anywhere in the world, Volpi infused his little flags and houses with the culture of Brazil.

Little flags, little houses or triangles and rectangles?

Volpi's best-known visual elements—flags, masts, facades—were used repeatedly and with structure. These motifs were not depictions of parties or buildings, but visual arrangements designed to create rhythm and balance.

The so-called little flag, for instance, could be seen in different ways depending on one's perspective: as a flag from a June festival, the negative space of a house's façade and roof, or simply the combination of two “pure” geometric shapes— a triangle placed over a rectangle. What do you see in these shapes?

Concrete and modern

From 1940 to 1950, Volpi's paintings became flat. Houses, for example, were reduced to façades, and each element had its own autonomy. This gave them a “Brazilian,” “popular,” and “international” breath, influenced by the new concretist trends that were emerging in the 1950s.

Volpi defied simple classifications. His work contains modern and constructive traits but always maintained independence. He used simple shapes, strong colors, and planned compositions without abandoning his popular references.

The modernists were against abstraction. Their main argument was that art should tell a story, using a direct message to communicate with the audience. It should, therefore, be figurative.

Volpi's work managed to bring together two artistic trends that were in conflict. While, on the one hand concretists advocated for a “universalist” art, one that could be identified and understood anywhere in the world, Volpi infused his little flags and houses with the culture of Brazil.

VII

Explosion of colors: grapes and ogives

Volpi worked with a palette made from handmade pigments. He mastered color combinations with care and method. His paintings explored contrasts, tonal variations, and carefully arranged color fields.

Ogives, stripes, flags, masts, and facades served as a base for this experimentation with color. His geometry was never cold—there was a direct relationship between form and tone. In many works, the figurative elements

nearly disappear. The focus becomes the use of color, the arrangement of shapes, and visual balance.

The concrete color

When you see the color green, what comes to mind? A forest or a fruit? Naturally, we associate colors with meanings we've learned throughout our lives.

For advocates of concretism, the biggest challenge with color is stripping away its associative meaning—that is, the symbolic weight each color carries due to cultural influences. This is why most concrete artists, like Mondrian, used as few colors as possible. Volpi arranged his colors rationally. He applied pigments in clearly defined areas, always seeking balance. Color was not decorative—it was structural. It was part of the design and constructive logic of the composition.

The pure color

In addition to his controlled application, Volpi valued color intensity. He used handmade pigments to achieve vivid and stable tones. The color was used in its most direct form—without mixing with black or white—resulting in a luminous and even surface.

Eleonore Koch

The talented colorist Eleonore Koch spent a few years working with Volpi at the beginning of her career. She would often bring toys for Alfredo's children, which inspired the painter to create a series.

Although younger, she offered important reflections on the relationship between space and form. The exchange between them was significant, and Volpi began to incorporate chromatic and structural solutions that resonated with her ideas.

The Cambuci studio

Volpi worked regularly in his home studio. He maintained a steady and organized practice. He sketched, tested colors, and planned each composition. He prepared his own paints, organized his canvases, and controlled all aspects of production.

He was reserved, but often received visitors. Colleagues, critics, and young artists visited Cambuci to see his paintings and talk about art. The environment was simple and domestic, without ostentation. That's where a long-lasting body of work was built.

The construction of a volpi

Alfredo mastered every step of his creative process. He sawed wood and assembled his own brushes, stretchers, easels, hammer handles, saw frames, and anything else he needed. He prepared tempera, his favorite paint, and stored it in the refrigerator. He made his own pigments, cut the canvases, and secured them to the frames after applying calcium carbonate dissolved in glue. Then, he sketched his designs.

Though a reserved person, Volpi was well known in the neighborhood. He walked the streets, greeted neighbors, and maintained cordial relationships in the community. His discreet presence became part of the local landscape, and many recognized him as "the painter of Cambuci."

Social in Cambuci

Volpi had a habit of receiving his friends, collectors, and buyers in the studio he set up in his home in Cambuci. His work was so popular that there were long waiting lists of people eager to purchase one of his pieces.

Volpi was involved in every stage of the painting process. He prepared the wooden stretchers, stretched the canvas, and applied the layers of paint. This manual involvement with materials was an essential part of his work. Nothing was outsourced.

The creative process

Everything started with a sketch, made with charcoal or pencil on paper. The drawings, which were usually variations of the same idea, went through the “draft” stage before being transferred to the canvas. However, it was common for Volpi to sketch something on paper and then paint the canvas with a completely different idea.

The tempera recipe

Tempera is a very old, medieval production technique that Volpi revived for creating his art. Although there are different “recipes,” Volpi developed his own method of making it. Volpi prepared his own tempera with pigments, water, and animal glue.

This mixture had to be made with precision, respecting the correct proportion of each ingredient. The technique required discipline and experience, since the paint dried quickly and allowed no mistakes. This process contributed to the matte finish and vibrant colors of his works.

Chassis and canvases

Volpi was involved in every stage of the painting process. He prepared the wooden stretchers, stretched the canvas, and applied the layers of paint. This manual involvement with materials was an essential part of his work. Nothing was outsourced.

Volpi would prepare the painting surface with seven or eight layers of plaster or calcium carbonate mixed with glue, which he then applied to the fabric, usually linen.

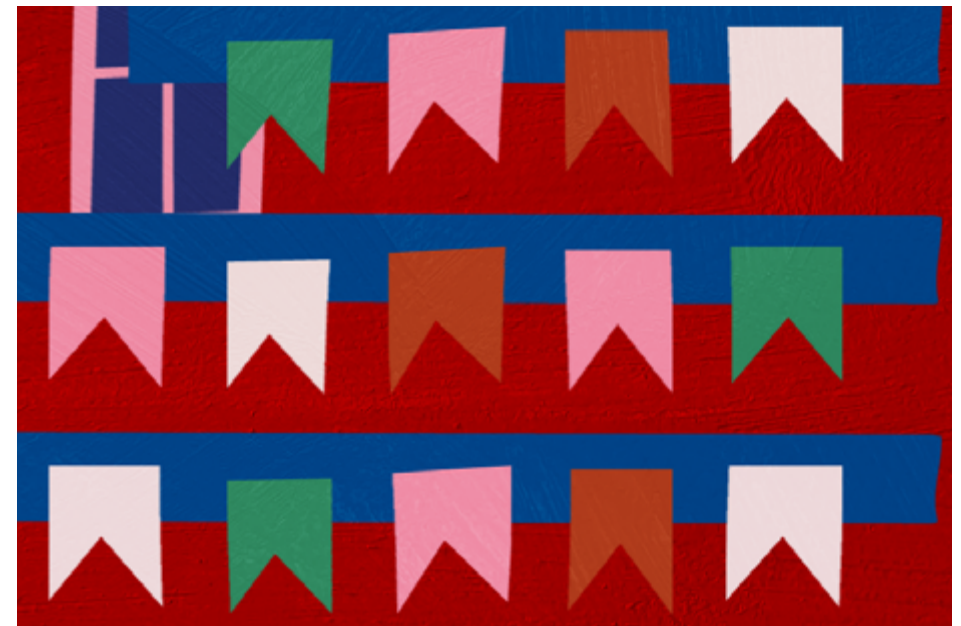
VIII

The great celebration: Volpi paints volpis

Volpi painted until the end of his life. Even after gaining recognition, he never changed his routine. He lived in the same neighborhood, surrounded by the same objects, and kept working with the same dedication.

He didn’t like being labeled. He rejected titles like “popular” or “modern.” He simply said he was a painter. His painting didn’t need to explain anything—it stood on its own, rooted in looking, in daily work, and in the joy of organizing color, shape, and surface.

Over the years, his work came to be studied, exhibited, and admired around the world. But none of that changed his way of painting. Volpi remained consistent in life and work. He made simplicity an aesthetic choice, repetition a method, and painting a continuous practice.



Volpi's career over time

1910's

At the beginning of his artistic journey, Volpi was still learning and experimenting with new ways of painting. After working as a decorative painter, he created his first painting on canvas in 1914, using an easel.

1920's

In 1922, the famous Week of Modern Art took place, an event that revolutionized Brazilian art. Volpi did not participate, but his ideas were greatly influenced by it. During this period, he liked to paint scenes of everyday life, using brushstrokes similar to Impressionism. In 1925, he exhibited his paintings for the first time in a collective exhibition.

1930's

Volpi began attending the studios in the Santa Helena Building, a place where several artists gathered. He would go out to paint with friends, but always said he was not part of the group known as the Família Artística Paulista ("Family of Paulista Artists"). It was also during this period that his paintings began attracting the attention of critics. Additionally, Volpi began using the tempera technique and started painting not just what he saw, but also from memory, in his studio.

1940's

In this phase, Volpi hardly painted outdoors anymore. His studio became his main workspace. His paintings started becoming more geometric, with well-defined shapes and colors.

1950's

The artist returned to Italy, and in 1950, he participated for the first time in the Venice Biennale, one of the most important exhibitions in the world. In 1953, a landmark moment occurred: he shared the award from the 2nd São Paulo Biennale with Emiliano Di Cavalcanti. This recognition made Volpi even more famous. In 1957, he was called "the master of his time."

1960's

By now, Volpi had developed his own style and no longer needed to seek references from other artists. He began exploring new color combinations and created his famous ogives, which are pointed arches crossing each other in his paintings. His works became even more colorful and geometric!

1970's

In this decade, Volpi wanted his paintings to give the impression that the shapes were at the same eye level as the viewer. This is when he created the "grape cluster," a set of small flags arranged in rows, decreasing in size as they descended on the canvas.

1980's

Even in his advanced age and weakened health, Volpi never stopped painting. His paintings continued to be exhibited throughout Brazil and around the world. His art became a landmark in the history of Brazilian art, and his name was immortalized as one of the great masters of painting.

SANTANDER BRASIL
Presidente

Mario Leão

Vice-presidente executiva
institucional

Maitê Leite

Head - Experiências
& Cultura

Bibiana Berg

FAROL SANTANDER SÃO
PAULO

Head - Faróis Santander
São Paulo e Porto Alegre
e Coleção Santander
Brasil

Carlos Eugênio Trevi

Especialista - Exposições

Danielle Domingues

Especialista - Eventos

Catiuscia Michelin

Estagiária

Eduarda Souto Silva

Jovem Aprendiz

Gustavo Almeida da Silva

Gestão Predial

Barbara Rema
Mauricio Tadeu de Nobrega
Tools Digital Services

Caio Guimarães
Geany Xavier
Cushman Wakefield

Manutenção Predial e
Missão Crítica

Giovana Sguissardi Losso
Tools Digital Services

Manutenção Predial

Adair Fernando
Andre Luis da Silva Santos
Andre Luis Ribeiro de
Andrade
Andre Luiz de Sousa
Antonio Carlos Dias
Caetano
Cláudia Ricci

Davi da Silva Santos
Diogo William
Edilson Patricio
Enzo de Lima Lucas
Evandson Vieira
Francisco Wanderson
Giovanni Sanches
Luis Carlos Rodrigues
Mauro Silva Marques
Pedro Atila de Jesus Rocha
In Haus

Rian Pereira Santos
Manserv

Áudio e Vídeo

Marcelo Nunes
Victor Luis Rodrigues
Santos
Empresa SEAL

Coordenadoras de
assistentes culturais

Joelma Lopes da Silva
Sympla

Assistentes culturais

Ana Clara Dantas Beserra
Ana Júlia Lima Ferreira

Antonny Oliveira da Silva
Azeni Lucas dos Santos
Debora Cristina Penha
Ettore Thierry de Lima Leite
Fabiana Santos Minas
Monteiro
Fernanda Muniz
Damasceno Jorge
Fhayla Marina de Oliveira
Xavier
Francielle Aparecida
Custódio
Gustavo Silva de Oliveira
Hellen Sousa Gomes de
Oliveira
Isabel Santos Limeira da
Silva
Leonardo Paixão de
Azevedo
Lucas Miguel de Almeida
Mariana Galves Figueiredo
Sympla

Especialista de Segurança

Renato Ferreira dos Santos

Supervisor de Segurança

Edson Costa
Grupo Espartaco

Patrocínio



Apoio Institucional



Realização



Inspetor de Segurança

Helio Gonçalves da Silva
Grupo Espartaco

Bombeiros, vigilantes e controladores de acesso

Alexandre Antônio da Silva
Alexandre Mariano de Souza
Alex Saraiva Belo
Alisson Gabriel Tavares Pina
Allan Vital da Silva
Ana Claudia da Silva
Anne Caroline B. Carrijo da Silva
Antônio Adryel Martins
Antonio Carlos Pires
Antonio Raimundo C. de Jesus
Beatriz Almeida dos Santos
Carlos Alexandre Jesus
Danilo Pereira Belo
Denis Franciscus Alves Silva
Edson Andre da Silva
Emiliano da Silva
Everaldo Antônio da Silva
Fabiana X. dos S. Nascimento
Felipe Adorno Ikeda
Flavio de Oliveira Lobo

Gerson A. de Melo Oliveira
Gianluca Ribeiro Galli
Gilmar Santana Hipólito
Gilmara Santana
Gleison da Silva Souza
Guilherme Castelo Teixeira
Guilherme Eduardo Oliveira
Iranilson Candido Silva
Jair Alves Pires
Jean Paulo Martins Santos
Jesilene Lopes de Moraes
João Cesar Santos
Josenil Sandes Santos
Juliana Santos da Silva
Leandro Bueno
Leo Jaime Cruz Almeida
Lilian dos Santos Brito
Luiz Felipe Correia de Freitas
Luiz Fernando Inacio Silva
Maria Aparecida Pimentel
Mariana Souza Dias
Milton Aleixo de Souza Junior
Nádia Aleixo de Souza
Pedro Cremildo de Souza
Regiane Marrichi Rufino
Rodrigo Faustino Miranda
Ruan Pedrosa Cavalcante
Sebastião Arodo de Lima

Sebastião Rabelo da Silva
Sergio Carrara
Sidney Costa de Lima
Sinatiely Lorena da Silva Avelino
Tiago Oliveira de Souza
Ulisses Caetano de Oliveira
Victor Hugo Lima de Souza
Vinicius Alexandre R. Leitão
Vinicius Maturchi Santos
Willian Caetano de Oliveira
Grupo Espartaco

Recepção

Adrieli Batista
Luana Ferreira de Paula
Empresa OSESP Serviços

Coordenação de Limpeza Predial

Ana Lucia Alves de Sousa
Fabiana Silva de Jesus
Joana Darc
Grupo GPS

Limpeza Predial

Alessandra da Costa
Aline Ferreira Florencio dos Santos

Antonio Carlos Siqueira Neto
Carolina Beatriz
Elizabete Maria do Nascimento
Gilvan Augustinho
Jefferson de Oliveira
Jessica da Silva
Jessica Santos de Almeida
Jhonatan Rodrigues Pereira
Joselita Nascimento
Josiane Jesus
Josilda Bispo Pereira
Lilian Medeiros Pacheco
Maria Andressa da Costa
Ricardo
Maria Eliane
Nancy Mara
Natalia Oliveira Felito
Neuraci Nunes
Poliana de Almeida
Rodrigo Santana
Valdenice Costa
Vanuza Gabriela
Wesley Serafim
Grupo GPS

Patrocínio



Apoio Institucional



Realização



EXPOSIÇÃO VIVA VOLPI

Curadoria

Ceci Amorim
Karina Israel

Direção de Relações Institucionais

Angela Pellicer

CRIATIVO

Diretor de Criação

Daniel Brum

Pesquisador e Redator

Raphael Homem
Thiago Costa

Identidade Visual e Direção de Arte

Bruna Brandão Costa

Direção de arte

Gabriela Kim Higa
Matheus Vigliar

Ilustração e Assistência de Arte

Júlia Fernandes Cavalcante

UX e Game Design

Rodrigo Panassolo

Animações

Eduardo Lima
Miwa Hassuike

DIG

Pleiades Media Art LTDA

Gestão de Arquitetura e Projeto Expográfico

Fernanda Troncoso

Detalhamento Expográfico

Lucas Donnangelo

Produção 3D

Jasmim Caparroz

Cultura e Acervo

Lucas Olles

PRODUÇÃO E TECNOLOGIA

Direção de Produção, Operações e Tecnologia

Fabiola Mendonça

Direção Executiva

Daniela Lima

Gestão de Projeto

Gustavo S. Carlos

Produção

Ellen Queiroga
Simone Freitas

Gestão de Tecnologia

Eduardo Ortega

Tecnologia

Gabriel Nonenmacher
Gavin Gonçalves
Leonardo Bernardo
Nathan Gusman
Rafael Sampaio
Renan Rinaldi

Softwares

André Pundek
David Lucas Souza
Andrade
Gustavo Rodrigues de
Oliveira
Matheus Simões Mercado
Otávio Augusto A. Ribeiro
Renan Gusman
Real Games

Gerente de Manutenção e Operação

Andreia Brandão

Patrocínio



Apoio Institucional



Realização



Manutenção e Operação

Yuri Lemos

Direção de Comunicação

Wans Spiess

Assistência de Comunicação

Andrea Riveros
Laura Barçante

Administrativo Financeiro

André Moreira
Bruno Maciel
Juliana Araújo
Mayra Rios

Acessibilidade

Escreve Brasil

Cenografia

Casa do Trem

Produção De Áudio

INPUT | Artesonora

Projeto de Iluminação

CJM Sound do Brasil

Seguro

Ayfa Brasil

Serviço Educativo

Borzi Eventos

Tradução

Peter Walker Tenney

Assessoria de Imprensa

Marra Comunicação

Agradecimentos

Ana Paula Cavalcanti
Simioni
Angela Brandão

CATÁLOGO DIGITAL

Produção de texto

Raphael Homem

Design gráfico e layout

Bruna Brandão Costa

Supervisão de produção

Ângela Pellicer

Fotos

Bruna Brandão Costa

DZK



Patrocínio



Esfera

Apoio Institucional



Realização

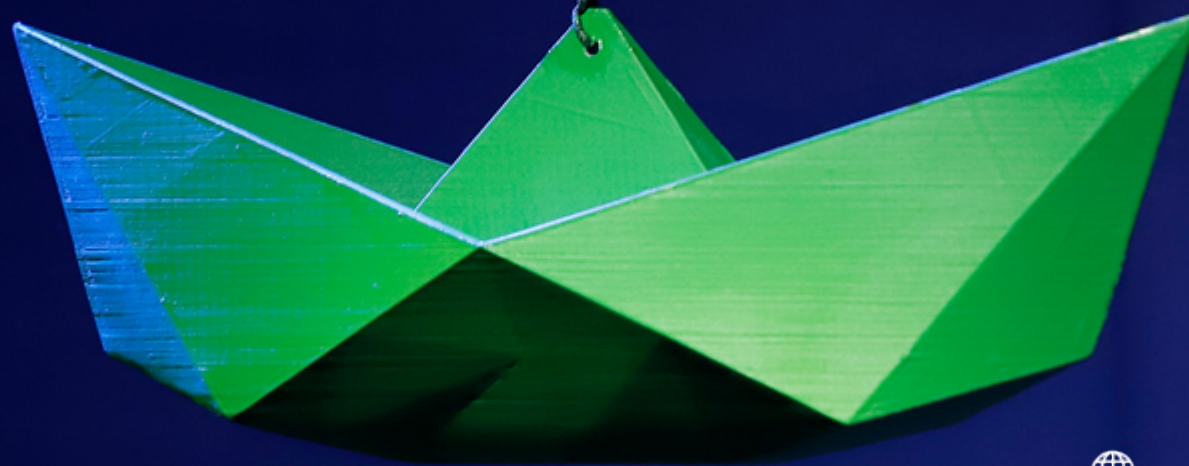


MINISTÉRIO DA
CULTURA



FAROL

— SANTANDER —
SÃO PAULO



www.farolsantander.com.br/sp



[FarolSantanderSaoPaulo](https://www.facebook.com/FarolSantanderSaoPaulo)



[farolsantandersp](https://www.instagram.com/farolsantandersp)



farolsantandersp@santander.com.br